

Opinião

A marola passou, a incapacidade persiste!

A marolinha econômica apresentou-se com uma onda considerável, fez barulho, movimentou especialistas, provocou mudanças de comportamento, redução de impostos, incentivo ao consumo e outros fatores.

Se no Brasil a onda não foi assim, uma simples marolinha, também não foi tão grave quanto para outros países e muito menos esteve próximo das pessimistas projeções de especialistas econômicos. Enfim, levando em consideração as últimas estatísticas, números e fatos, o sistema financeiro brasileiro está voltando ao ritmo normal e com projeções de crescimento. O otimista vendedor Lula tinha razão.

Para o comércio varejista de produtos e matérias esportivas a marola pouco afetou. Muito pelo contrário, quem tem atrapalhado os negócios é o próprio setor produtivo, com a inexplicável incapacidade de algu-

mas marcas renomadas, multinacionais, de produzir e entregar material de grandes clubes de futebol em quantidade suficiente para atender a demanda existente no mercado.

Quando aparecem, os produtos são enviados primeiramente a lojas próprias ou conveniadas, em detrimento de toda uma rede de lojas especializadas, que ficam sem mercadoria para atender seus clientes.

O assunto já foi intensamente debatido, envolvendo todas as partes interessadas, mas não se chega a lugar algum. Os produtos continuam em falta, a entrega atrasa sistematicamente por mais de três ou quatro meses e quando chega não vem na quantidade solicitada.

Depois dessas mesmas multinacionais acionam advogados para tentar combater a pirataria de camisas de clubes de futebol, gastando fortunas em processos, buscas e apreensão de mercadorias.

Ou seja, o fabricante assina contrato com grandes clubes, gasta um caminhão de dinheiro nesse projeto e teoricamente deveria concentrar seus esforços na venda de produtos do clube contratado como forma de

obter retorno sob o investimento realizado.

Mas nada disso acontece, muito pelo contrário, camisas de clubes populares, com mais de 20 milhões de torcedores, estão em falta nas lojas especializadas e por isso perdem vendas, já que não há produto disponível nas prateleiras. Por outro lado, em cada esquina é possível comprar camisa desses e outros clubes, a preços incomparáveis (como também sem comparativo é a qualidade desses produtos).

Só aqui destacamos alguns itens importantes fomentadores da pirataria, que parece não serem considerados por algumas marcas: preço alto e falta de produto nas prateleiras. Fica claro também a falta de respeito com os torcedores e lojistas, que não são atendidos.

Em compensação poucas marcas exploram seus clubes com excelência, oferecendo ao torcedor uma gama de produtos capazes de massagear egos e satisfazer paixões, abastecendo lojas especializadas com pontualidade e em quantidade suficiente. Infelizmente estes são minoria. É preciso virar o jogo.

Lula agradece recebimento do Jornal Abraleme

Conforme ofício abaixo publicado, o presidente da República Luis Inácio Lula da Silva agradeceu pelo recebimento dos exemplares do Jornal Abraleme, na qual Lula é citado.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Gabinete Pessoal do Presidente da República

Brasília, 08 de maio de 2009.

RENE DJEKEIM
Presidente
Associação Brasileira dos Lojistas de Equipamentos e Materiais Esportivos - ABRALEME
Avenida Senador Queiroz, 456 - Conjunto 44 - Centro
01026000 - SÃO PAULO - SP

Prezado Senhor,

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva encarregou-nos de informar-lhe que recebeu os dois exemplares do jornal ABRALEME e agradece a gentileza.

Cordialmente,

CLAUDIO SOARES ROCHA
Diretor

Diretoria de Documentação Histórica

ABRALEME

Associação Brasileira dos Lojistas de Equipamentos e Materiais Esportivos

Av. Senador Queiroz, 456 - 4º And.
- CJ. 44, São Paulo - SP. Telefax.:
(11) 3227-8559.

e.mail: abraleme@abraleme.com.br

Presidente:

René Djekeim (Zonalivre)

Vice-Presidente:

Irvando Secco (Esportes Galvina)

1º Secretário:

William Mazzone (Jolitem Esportes)

2º Secretário:

Edson Rodrigues (As do Esporte)

1º Tesoureiro:

Tamyr Khoury (Mercadão)

Diretor de Marketing:

Vanderlei Castro (Mega Sports)

Diretor Social:

Mário Jorge Lutfi (Esporte Senador)

Diretor Cultural:

Nivaldo Tonon (SportAção)

Diretor Jurídico:

Carlos Alberto Ayres (Pacaembu)

Diretor de Eventos:

Fábio Anauate (BR Esportes)

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente:

Miguel Della Rosa (Civian)

Membros:

Armando Leite (Monumento Sports)

Nasser Ale Marouf (Maior Barato)

Percival Lopes (Futebol Sport Club)

João Khouri (Lojão dos Esportes)

Alberto Borges (Fantastic)

Celso Sansiviero (Coopespor)

CONSELHO FISCAL

Presidente:

Eduardo Rosenberg (Roxos e Doentes)

Membros:

Luis Alvarenga (Pepino Esportes)

Reinaldo Micale (Futebol & Cia)

Ary Augusto Sima (Esportes Moura)

Jornalista responsável:

José Luis Munuera Reyes - Mtb: 19144

Produção gráfica e redação:

Editora JMZ Ltda. F.: (11) 3782-4649

Impressão: Lance!

Indígenas reproduzem nos esportes seus antigos rituais

O futebol é jogado – e não disputado – por eles com qualquer tipo de bola, que não necessariamente a de futebol. O número de jogadores em campo, de qualquer idade e sexo, não raro varia entre seis de um lado e 13 do outro, sem que esse desequilíbrio gere reclamação de deslealdade do time com menos integrantes. A partida pode durar até quatro horas e termina sempre em empate, quando realizada entre equipes da mesma tribo, ou com placar desfavorável ao “time da casa”, quando jogada entre tribos diferentes, por mera cortesia ao visitante - geralmente de outra etnia -, para a alegria geral da única torcida.

Para os indígenas brasileiros, a prática do futebol e de outros jogos não segue as mesmas regras inflexíveis e tem sentidos opostos aos de esportes coletivos comuns no Brasil e no resto do mundo. “Para os índios, o fundamento do jogo é o envolvimento e a comunhão social. Não há rivalidades. Também há nos esportes indígenas um conteúdo fortemente ritualístico. Eles representam, juntamente com as festas, o grande momento de manifestação da cultura indígena”, diz o professor titular da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), Jefferson Jurema.

Rituais - De acordo com o pesquisador, para os indígenas os esportes assumiram hoje a função de reconstituir e resgatar seus antigos ritos, que entraram em desuso no convívio deles com a civilização. Como não podem realizar atualmente rituais que chocariam o homem branco, eles encontraram nos esportes uma maneira de mascará-los.

“Antigamente eram marcadas as datas para as comemorações ritualísticas em que os esportes eram relacionados aos rituais. Mas ao longo do tempo, isso sofreu uma mutação. Hoje, em vez de fazer o esporte realizado com o ritual, eles realizam o ritual com o esporte. Um campeonato, por exemplo, é o momento de expressarem um ritual que ficou proibido de forma sistemática, como a passagem do masculino e do feminino”, conta.

Segundo Jurema, por meio da memória oral, transmitida para os integrantes mais novos da tribo pelos idosos, os índios utilizam, além do futebol, outras modalidades de esportes para resgatar rituais como o da tucaqueira, uma formiga comum na Amazônia. O arremesso da bola ao cesto de basquete, por exemplo, lembra a condução do inseto a um bambu, chamado por eles de “tum tum”, de onde ele escorrega para um recipiente.

Ausência de violência – Outras características presentes nas manifestações esportivas indígenas, de acordo com o pesquisador, são a ausência da violência e a falta de técnica. No vôlei indígena, por exemplo, se admite mais de três toques na bola, que é passada entre os integrantes da equipe com uma suavidade que em nada lembra a força que os jogadores profissionais empregam em saques, cortadas ou defesas em uma partida de vôlei tradicional. “Eu perguntei para alguns índios porque não há técnica nos jogos deles, e eles responderam que é porque os velhos também precisam participar”, diz Jurema.

Por outro lado, o pesquisador identifica em partidas de jogos disputadas por não índios traços de rituais indígenas. “Quando um time de futebol entra em campo em um estádio, e a torcida grita, bate tambores e solta uma fumaça, geralmente da cor que simboliza o time, isso tudo representa rituais primitivos. A fumaça, por exemplo, remete ao ritual de defumação no xamanismo, em que os índios escolhidos para se tornarem guerreiros eram defumados para afastar os maus espíritos. E as torcidas também fazem esse ritual de defumação dos jogadores de seus times”, relaciona.

SHINAI

RECONHEÇA AQUI A SUA MARCA

KIMONOS
JUDÔ - JIU JITSU
AIKIDO - KARATÊ
CAPOEIRA - KUNG-FU
TAEKWONDO - HAPKIDO
MUAI THAY - KICK BOXING
ACESSÓRIOS - BOLSAS
CAMISETAS - TATAMES

(43) 3426 4474

www.shinai.com.br

Lojistas: Na SHINAI você encontra tudo para ARTES MARCADAS.

Vamos estar presente na:

Couromoda.com 2010

Confira nossos REPRESENTANTES no site: www.shinai.com.br